



SINFONIA N.º 9 DE BEETHOVEN

**ORQUESTRA METROPOLITANA
DE LISBOA**

**NOVA ERA VOCAL
ENSEMBLE**



1 DEZ 24

**ARTES
PERFORMATIVAS E
PENSAMENTO**

Temporada 2024/2025

Grande Auditório

Domingo, 17h

M/6

Programa

Ludwig van Beethoven (1770-1827)

Sinfonia n.º 9, em Ré menor, op. 125, Coral (1822-1824)

Allegro ma non troppo, un poco maestoso

Scherzo: Molto vivace – Presto

Adagio molto e cantabile

*Presto: Allegro molto assai (Alla marcia) – Andante
maestoso – Allegro energico, sempre ben*

Soprano

Eduarda Melo

Meio-soprano

Cátia Moreso

Tenor

Marco Alves dos Santos

Barítono

André Henriques

Nova Era Vocal Ensemble

Maestro do coro

João Barros

Orquestra Metropolitana de Lisboa

Direção musical

Pedro Neves

A NONA SINFONIA DE BEETHOVEN

A Sinfonia n.º 9 de Ludwig van Beethoven, também conhecida por *Sinfonia Coral*, estreou no dia 7 de maio de 1824 no Teatro da Corte Imperial e Real de Viena. Muitos consideram ser a primeira grande sinfonia da História da Música — opinião que não se deve exclusivamente à sua duração, inédita à época (mais de uma hora). Com efeito, foi uma das obras orquestrais mais influentes ao longo do século XIX. Tem uma complexidade formal sem precedentes, uma orquestração que apontava novos horizontes criativos, premissas artísticas e ideológicas de tal forma ousadas que assume uma dimensão verdadeiramente monumental. Paradoxalmente, questionava o próprio conceito de Sinfonia ao integrar quatro vezes solistas e um coro no andamento final.

Beethoven completara a Sinfonia n.º 8 doze anos antes. Apesar de os gostos musicais do público de Viena (e de toda a Europa) se terem reorientado naquela época para o género operático italiano, em particular as óperas de Rossini, mantinha-se um respeito inestimável pela figura do compositor alemão. O anúncio de um concerto com novas obras da sua autoria era suficiente para incendiar expectativas. Beethoven vivia em Viena havia mais de três décadas e soubera sempre conquistar os favores de personalidades influentes. Então com 54 anos (idade bastante avançada naquele tempo) e praticamente surdo, tinha-se isolado do mundo exterior. Ainda assim, quando manifestou vontade de estreiar esta mesma sinfonia na cidade de Berlim, dezenas de figuras notáveis fizeram publicar uma carta rogando que não o fizesse. Beethoven consentiu. Promoveu ele próprio a organização do concerto cujo programa acrescentou as estreias da Grande Abertura *A Consagração da Casa* (op. 124) e três excertos da extraordinária *Missa solemnis* — o *Kyrie*, o *Credo* e o *Agnus dei*.

Relatos da época dizem-nos que a receção foi entusiástica. Fazem alusão, inclusivamente, ao momento em que o compositor permaneceu absorto no final da apresentação por não se ter apercebido de que a plateia o aplaudia efusivamente por detrás. Será possível, no entanto, adivinhar que a interpretação não tenha sido imaculada, considerando a dificuldade da partitura, a circunstância de participar um grande número de amadores e de ter havido somente dois ensaios com todos os intervenientes — coro, solistas e orquestra. O carisma do nome do autor, o empolgamento do segundo andamento, o lirismo do terceiro e o fervor épico do final terão sido bastantes.

O verdadeiro alcance da obra só se revelou mais tarde. Ao longo dos tempos, em cada vez que é interpretada, transpira sempre algo novo. Desde logo na dimensão musical intrínseca. É fascinante acompanhar as soluções criativas nos mais insignificantes detalhes. Por outro lado, e na continuidade da Sinfonia n.º 3, transmite uma profunda reflexão filosófica, moral e espiritual acerca da natureza humana. É como se apontasse um caminho que nos conduz das trevas ao esplendor de uma existência muito além da esfera artística. Soergue-se como monumento da Humanidade.

A SINFONIA CORAL, POR INTEIRO

O andamento final da *Sinfonia Coral* de Beethoven é arrebatador. Parece reunir «argumentos» bastantes para ser apresentado autonomamente. Junta-se, todavia, a mais três andamentos. Isso não acontece por acaso. Ao todo, são quatro partes com perfis expressivos vincados e de tal modo intensos que, apresentados em conjunto, se lhes vislumbra propósitos mais amplos. Quando ouvimos o *Hino à Alegria*, por si só, reconhecemos uma melodia de grande beleza e um valor simbólico singular. O que acontece, porém, quando o mesmo nos é dado a ouvir no contexto original?

O início da sinfonia tem um caráter quase místico, como uma névoa harmónica que se assemelha por instantes ao som de uma orquestra no momento da afinação. Tudo emerge do nada para, de rompante, nos confrontarmos com uma violenta explosão sonora da orquestra. Os dados estão lançados. Fica claro «ao que vem» esta sinfonia — desafiar os limites da superação. Surge o primeiro grande tema melódico e percebemos tratar-se de uma obra com imenso fôlego, disposta a embarcar numa viagem aventureira. As madeiras anunciam o segundo tema e, após uma breve transição, acontece o desenvolvimento que combina ambigualmente as ideias anteriores. A reexposição precipita-se para aquietar o tumulto. Há tempo ainda para a sugestão vaga de uma marcha fúnebre (não se sabe em memória de quem). Este andamento não se afirma com demonstrações de força, mas antes com registos de apreensão e agitação compulsiva. O ambiente dominante é apocalíptico.

O *Scherzo* tem um caráter dionisíaco e junta-se às páginas mais vibrantes do compositor. Espelha bem o arquétipo do ímpeto furioso que associamos ao período intermédio da carreira de Beethoven. Os tímpanos assumem particular protagonismo, com erupções rítmicas que nos permitem adivinhar a exaltação do público de há duzentos anos. Sucessivamente, surgem contrapontos que exploram à exaustão o confronto entre as madeiras e as cordas. Com aparente facilidade, tudo se desenrola sobre uma construção complexa, com repetições insistentes, uma obstinação quase hipnótica. A secção central cumpre a função do Trio de um Minueto. Tem um ambiente sereno, bucólico e, sobretudo, contrastante.

Em comparação com o pendor atlético do que o antecedeu, o terceiro andamento é um oásis de calma e beleza, um *Adagio* que realça os contornos melódicos e as suspensões em silêncio. Baseia-se em variações sobre uma mesma melodia. Desenha-se, todavia, um percurso sinuoso cuja intensidade expressiva permanece relativamente distante, sem dramatismo — nunca submisso ou implorante —, como um gesto de clarividente aceitação.

Agora sim. Após três andamentos que substanciam diferentes fases de uma mesma experiência, resta saber como chegamos até nós as poderosas palavras do *Hino à Alegria*. Primeiro, uma introdução orquestral que instala progressivamente o ambiente dramático propício à eclosão das vozes. Um por um, vão sendo recuperados fragmentos marcantes do que se ouviu anteriormente. Convida o ouvinte para um exercício retrospectivo. Finalmente, os violoncelos e os contrabaixos murmuram a melodia que todos conhecemos na expansão de sucessivas variações. As três primeiras são exclusivamente instrumentais. As restantes percorrem uma variedade estilística desconcertante, desde a polifonia coral a uma marcha militar, ariosos vocais e até uma vigorosa fuga. Entretanto, ouve-se alguém cantar as palavras de Beethoven «Amigos, estes sons, não! Entoemos antes de forma mais generosa, e plena de alegria!» É o *Hino à Alegria*.

A *Missa solemnis* foi composta na mesma altura e termina com uma súplica não respondida. Há quem acredite que a Nona Sinfonia responde a todas as súplicas.

LUDWIG VAN BEETHOVEN (1770-1827)

SINFONIA N.º 9, EM RÉ MENOR,

OP. 125, CORAL (1822-1824)

O Freunde, nicht diese Töne!
Sondern laßt uns angenehmere
Anstimmen, und freudenvollere!

Freude, schöner Götterfunken,
Tochter aus Elysium,
Wir betreten feuertrunken,
Himmlische, dein Heiligtum!
Deine Zauber binden wieder,
Was die Mode frech* geteilt;
Alle Menschen werden Brüder,
Wo dein sanfter Flügel weilt.

Wem der große Wurf gelungen,
Eines Freundes Freund zu sein,
Wer ein holdes Weib errungen,
Mische seinen Jubel ein!
Ja, wer auch nur eine Seele
Sein nennt auf dem Erdenrund!
Und wer's nie gekonnt, der stehle
Weinend sich aus diesem Bund!

Ja, wer auch nur eine Seele...

Freude trinken alle Wesen
An den Brüsten der Natur;
Alle Guten, alle Bösen
Folgen ihrer Rosenspur.
Küsse gab sie uns und Reben,
Einen Freund, geprüft im Tod;
Wollust ward dem Wurm gegeben,
Und der Cherub steht vor Gott!

SOLO DE BARÍTONO

Amigos, estes sons, não!
Entoemos antes de forma mais generosa,
E plena de alegria!

BARÍTONO E CORO

Alegria, bela radiação divina,
Filha do Eliseu,
Ébrios de fogo,
Entramos, ó celestial, em teu santuário!
Teus encantamentos reúnem o que,
Descarada, a moda separou;
Todos os homens devêm irmãos onde, suave,
Tua asa permanecer.

QUARTETO DE SOLISTAS

Quem logrou o magno lance de amigo,
Ser de um amigo,
Quem gentil mulher ganhou,
Que em nosso júbilo se misture!
Sim, mesmo quem uma só alma chama sua,
Na redondeza da terra!
E quem nunca o pôde, esse,
Que furtivamente saia, chorando,
desta coligação!

CORO

Sim, mesmo quem uma só alma chama sua...

QUARTETO DE SOLISTAS

Todos os seres bebem alegria
Dos seios da Natureza;
Todos os bons, todos os maus
Seguem uma rósea pista.
Beijos nos deu ela, e videiras,
Um amigo, provado pela morte;
O gosto da vida foi dado ao verme,
E o querubim está perante Deus!

Küsse gab sie uns und Reben ...

Froh, wie seine Sonnen fliegen,
Durch des Himmels prächt'gen Plan,
Laufet, Brüder, eure Bahn,
Freudig, wie ein Held zum Siegen.

Laufet, Brüder, eure Bahn ...

Freude, schöner Götterfunken

Seid umschlungen, Millionen!
Diesen Kuß der ganzen Welt!
Brüder! Überm Sternenzelt
Muß ein lieber Vater wohnen.
Ihr stürzt nieder, Millionen?
Ahnest du den Schöpfer, Welt?
Such' ihn überm Sternenzelt!
Über Sternen muß er wohnen.

Freude, schöner Götterfunken ...

CORO

Beijos nos deu ela, e videiras...

SOLO DE TENOR

Ditosos, como voam os sóis
Seus p'lo plano esplêndido do céu,
Correi, irmãos, vosso caminho,
Alegres como heróis na senda da vitória.

CORO MASCULINO

Correi, irmãos, vosso caminho...

CORO

Alegria, bela radiação divina...

CORO E SOLISTAS

Abraçai-vos milhões!
Neste beijo universal!
Irmãos, sobre a celeste esfera
Tem que um querido Pai morar.
Estais prostrados milhões?
Pressentes o Criador, ó Mundo?
Procurai-o acima da cúpula celeste!
Por sobre as estrelas tem Ele que reinar.

CORO

Alegria, bela radiação divina...

* streng (= rigorosa)
na versão impressa do poema

Eduarda Melo

Soprano

Formada em Canto pela Escola Superior de Música e das Artes do Espetáculo do Porto, Eduarda Melo integrou o Estúdio de Ópera da Casa da Música do Porto e o elenco do Centro Nacional de Integração Profissional de Artistas Líricos (CNIPAL), em Marselha.

Foi galardoada com o 2.º prémio do Concurso Internacional de Canto de Toulouse.

É convidada para vários festivais na Europa e já trabalhou com maestros como Marc Minkowski, Jérémie Rohrer, Ton Koopman, Hervé Niquet, Jean-Claude Casadesus, Antonello Allemandi em prestigiadas casas de ópera (Glyndebourne, Marselha, Lille, Nice, Caen, Dijon, Paris, Lisboa).

No domínio da ópera destacam-se, entre outros papéis: Soeur Constance (*Dialogues des Carmélites*), Euridice (*Orfeu e Euridice*), Corinna (*A viagem a Reims*), La princesse Laoula (*L'Étoile*), Rosina (*O barbeiro de Sevilha*), Elvira (*L'Italiana in Algeri*), Norina (*Don Pasquale*), Musetta (*La bohème*), Despina (*Così fan tutte*), Primeira Dama (*A flauta mágica*), Zerlina (*Don Giovanni*), Dalinda (*Ariodante*), Rinaldo (*Armida*), Stéphano (*Romeu e Julieta*), Frasquita (*Carmen*), Gabrielle (*La vie parisienne*), Valencienne (*A viúva alegre*) e Elle (*A voz humana*). Colabora regularmente com as formações Le Concert de la Loge, Divino Sospiro e Ludovice Ensemble.

Protagonizou a estreia da ópera *Paraíso*, de Nuno da Rocha (uma encomenda do CCB), e entrou na ópera *Three Lunar Seas*, de Joséphine Stephenson, na Opéra Grand Avignon.

Na temporada 2024/2025 participou nas comemorações dos 50 anos do 25 de Abril com a obra *Os Dias Levantados*, de António Pinho Vargas. Destacam-se ainda a *Sinfonia n.º 4* de Mahler na Casa da Música (Porto), o novo projeto da companhia mala

voadora, *It's not over until the soprano dies*, e o espetáculo comemorativo do bicentenário da Opéra Grand Avignon, *Les Folies Amoureuses*, de Castil-Blaze.

Cátia Moreso

Meio-soprano

Estudou no Conservatório Nacional de Lisboa e na Guildhall School of Music and Drama, em Londres, onde obteve a licenciatura em Canto e o grau de Mestre (Curso de Ópera). O seu repertório inclui, entre outros, os seguintes papéis: Azucena em *Il Trovatore*, Carmen na ópera homónima de Bizet, Santuzza em *Cavalleria Rusticana*, Eboli em *Don Carlo*, Concepción em *A hora espanhola*, Ulrica em *Um baile de máscaras*, Madame Flora em *Médium*, Preziosilla em *A força do destino*, Jocasta em *Oedipus Rex*, Suzuki em *Madama Butterfly*, Ježibaba em *Rusalka*, Mother Goose em *The Rake's Progress*, Tisbe em *La Cenerentola*, Sorceress em *Dido e Eneias*, Maddalena em *Rigoletto*, La cieca em *La Gioconda*, Giano em *Il trionfo d'amore*, Dianora e Elisa em *La Spinalba*, Terceira Dama em *A flauta mágica*, Dorabella em *Così fan tutte*, Baronesa em *Chérubin*, Madame de Coigny e Madelon em *Chénier* (TNSC), Madame de Croissy em *Dialogues des Carmélites*, Zanetto na ópera homónima de Mascagni, Carmella em *La vida breve*, Marcellina em *As bodas de Fígaro*, Mrs. Quickly em *Falstaff*, Siébel em *Faust*, Tulipa em *O Rapaz de Bronze*, de Nuno Côrte-Real, Mme. Giry em *O Fantasma da Ópera*, Mother em *The Monster in the Maze*, de Johnathan Dove, e Severa em *A Canção do Bandido*, de Nuno Côrte-Real.

Marco Alves dos Santos

Tenor

Licenciado pela Guildhall School of Music and Drama (bolseiro da Fundação Gulbenkian), Marco Alves dos Santos apresentou-se em papéis operáticos

como Tamino (*A flauta mágica*), Ernesto (*Don Pasquale*), Anthony (*Sweeney Todd*), Duca (*Rigoletto*), Die Hexe (*Hansel & Gretel*), Prunier (*La Rondine*), Almaviva (*O barbeiro de Sevilha*), Acis (*Acis & Galatea*), Male Chorus (*Rape of Lucretia*), Don Ottavio (*Don Giovanni*), Nemorino (*O Elixir do Amor*), Ferrando (*Così fan tutte*) e Conte Alberto (*L'occasione fa il ladro*). Em concerto, destacou-se em Recitant (*L'enfance do Christ*), Evangelista nas *Oratórias de Natal, Páscoa, Ascensão e Paixão Segundo São João* (Bach), e como tenor solista na 9.ª *Sinfonia* (Beethoven), *Messiah* (Händel), *Petite Messe* (Rossini), *Requiem e Missa da Coroação* (Mozart), *Serenade for horn and strings* (Britten), *Te Deum* (Bruckner) e *Carmina Burana* (Orff). Interpretou ainda os papéis de Goro em *Madama Butterfly* e Dr. Caius em *Falstaff*, Fidalgo e Conde na *Trilogia das Barcas* para o Teatro Nacional de São Carlos, as árias de tenor da *Paixão Segundo São João* de Bach e o *Requiem* de Mozart para a Gulbenkian e a parte de Jorgal da cantata cénica *Dom Garcia*, que se estreou no CCB.

André Henriques

Barítono

É diplomado em Canto pela Escola de Música do Conservatório Nacional (classe do prof. António Wagner Diniz) e foi bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian para estudar *Opera Performance* na Royal Welsh College of Music and Drama (onde estudou com Donald Maxwell). Atualmente, aperfeiçoa-se regularmente com Lúcia Lemos.

De entre os vários projetos em que participou, destaque para a estreia absoluta de *A Canção do Bandido*, onde cantou o papel de Macaco, numa coprodução entre o Teatro Nacional de São Carlos e o Teatro da Trindade/Força de Produção,

o papel titular de *Don Giovanni*, de W. A. Mozart, com a Orquestra Metropolitana de Lisboa, ou as partes de baixo-barítono de *Die Schöpfung*, de Haydn, na Fundação Calouste Gulbenkian.

Recentemente, cantou papéis como Marcos Portugal em *Mautempo em Portugal*, de Eurico Carrapatoso (produção da Associação Setúbal Voz), Officer em *A Penal Colony*, de Philip Glass, no Teatro São Luiz, Enfermeiro Peres em *Rigor Mortis*, de Francisco Lima da Silva, Papageno em *A flauta mágica*, numa produção do Operafest Lisboa, e Onofre em *Maria da Fonte*, de Augusto Machado.

Nova Era Vocal Ensemble

O Nova Era Vocal Ensemble é um coro fundado em 2018 pelo maestro João Barros. Ao longo dos últimos anos, o *ensemble* estreou obras de compositores como Alfredo Teixeira, Eugénio Rodrigues, Gerson Batista, Georgi Sztojanov, Nuno da Rocha, Hugo Vasco Reis, entre muitos outros.

Recentemente o Nova Era interpretou algumas das mais importantes obras corais, como *Le Cantique des Cantiques*, de Daniel Lesur; *Messe pour double chœur*, de Frank Martin; *Messe em Sol Majeur*, de Francis Poulenc; *Canticle of the Sun*, de Tõnu Kõrvi; *Friede auf Erden*, de Arnold Schoenberg; e motetes de J. S. Bach.

Desde 2022, tem vindo a colaborar com as orquestras barrocas Divino Sospiro, sob a direção de Massimo Mazzeo, Americantiga, sob a direção de Ricardo Bernardes, e Orquestra 1775, com direção de Nuno Mendes.

Recentemente, o coro colaborou com o OperaFest Lisboa, interpretando as óperas *Tosca* e *Madama Butterfly*, de Giacomo Puccini, e a estreia absoluta de *Tormenta*, de Nuno da Rocha.

Em 2022, o coro recebeu o maestro Daniel Reuss e interpretou o concerto *Motetes Alemães*, no Palácio Nacional de Mafra. Em junho de 2023, recebeu a vencedora do Eric Ericson Award, Krista Audere, para o programa *Light Beams*, no Mosteiro da Batalha. Em julho de 2024, foi dirigido pelo maestro titular do coro de câmara da Suécia Kaspars Putnins. Durante o último ano, apresentou vários programas no Mosteiro dos Jerónimos, Centro Cultural de Belém e festival Cisternmúsica. O Nova Era Vocal Ensemble é o agrupamento principal da Lisbon Choral Conducting Masterclass. Ao longo das várias edições colaborou com os maestros Sigvards Klava, Bernie Sherlock, Josep Vila, Pedro Teixeira, Gonçalo Lourenço, Inês Lopes, entre outros.

João Barros

Maestro do Coro

Mestre em Direção Coral e licenciado em Formação Musical e Direção Coral pela Escola Superior de Música de Lisboa. Iniciou a sua formação em Piano no Conservatório D. Dinis com Elsa Cabral e, em 2012, frequentou o curso de Canto na Escola de Música do Conservatório Nacional. Em 2013, frequentou, como estudante de Erasmus, o Kodály Intézet — Hungria. Paralelamente, estudou com Daniel Reuss e Kaspars Putnins. Desde 2018 que é formador de professores nas oficinas *Música na Escola*, organizadas pela Fundação Calouste Gulbenkian. Como cantor, João Barros fez parte do Tenso Europe Chamber Choir, do Ensemble Vocal Desafinados, do Officium Ensemble e do Meesters&Gezellen com concertos em 12 países. A convite da companhia World Masters in China, realizou *masterclasses* e *workshops* para mais de quatro mil professores de música e maestros

chineses, tendo dirigido mais de 50 coros em Pequim, Xangai, Hangzhou, Lanzhou, Tsingtao, Jinan, e muitas outras cidades chinesas.

Em 2019, fundou o Nova Era Vocal Ensemble e assumiu a direção artística do Coro ISCTE e do Coro de Câmara Outros Cantos.

No mesmo ano, ganhou, com o Nova Era Vocal Ensemble, a medalha de ouro no Festival Coro de Verão e o prémio Choir of the Choirs e respetivo primeiro prémio no Festival Vocal Art Choir Competition.

Ainda em 2019, obteve a bolsa de mérito da Interkultur por «Outstanding Conducting Achievements» e teve a oportunidade de trabalhar na Alemanha com André Van der Merwe e Romãs Vanags, e de dirigir o coro Rundfunk-Jugenchor Wernigerode.

Este ano, foi selecionado para a fase final da competição London International Choral Conducting Competition e foi um dos oitos finalistas do Eric Ericson Award 2024.

É o diretor artístico da Lisbon Choral Conducting Masterclass.

Orquestra Metropolitana de Lisboa

A Orquestra Metropolitana de Lisboa (OML) é pedra angular de um projeto que se estende além do formato habitual de uma orquestra clássica. Quando se apresentou pela primeira vez em público, no Mosteiro dos Jerónimos a 10 de junho de 1992, anunciou o propósito de fazer confluir as missões artística, pedagógica e cívica por intermédio de uma gestão otimizada de recursos e uma visão ampla e integrada de todas as vertentes do fenómeno musical. Sempre apoiada pela Câmara Municipal de Lisboa, por instituições governamentais do Estado e por vários municípios do entorno geográfico, e uma vez completadas três décadas de atividade, o valor da aposta

é hoje consensualmente reconhecido, não somente pelos resultados alcançados, mas sobretudo pela relevância que tem no atual panorama musical do país. Constituída por 35 músicos de 10 nacionalidades diferentes, um terço dos quais formados na Academia Superior da Metropolitana (ANSO), a OML é bastante versátil. Multiplica-se com frequência em agrupamentos de música de câmara e junta-se regularmente aos alunos para formar uma orquestra de dimensão sinfónica. Esta plasticidade tem-lhe permitido interpretar um leque de repertório que se estende do barroco à contemporaneidade, passando pela ópera e pelas grandes sinfonias românticas. Já estreou obras de grande parte dos compositores portugueses no ativo e, para lá da música que se reconhece na tradição clássica europeia, toca ainda outros estilos e tradições, tendo já partilhado palco com os Xutos & Pontapés, Carlos do Carmo, Rui Veloso, Mário Laginha, Tito Paris, Sérgio Godinho e muitos outros. Tem conseguido, deste modo, dirigir-se ao público melómano, mas também às famílias e a toda a comunidade escolar, chegar junto das pessoas através do entusiasmo que todos sentimos pela música. Em vez de concentrar as suas atuações numa única sala de concertos, a OML tem vindo a consolidar uma implantação territorial que irradia a partir da cidade de Lisboa para os concelhos mais próximos, e mais espaçadamente para todo o continente e arquipélagos. Ao longo do seu historial também já tocou em França, Bélgica, Espanha, Áustria, Polónia, Cabo Verde, Índia, Tailândia, Coreia do Sul, Japão e China. Conta com mais de dois milhares de concertos efetuados em formação orquestral, 23 CD e 1 DVD gravados, para lá de muitas transmissões radiofónicas e televisivas. Tocou com alguns dos mais notáveis solistas nacionais,

entre eles Maria João Pires, Sequeira Costa, António Rosado, Artur Pizarro, Pedro Burmester, Elisabete Matos, Gerardo Ribeiro, Vasco Barbosa, Paulo Gaio Lima e Ana Bela Chaves, e também com prestigiados solistas internacionais, como Montserrat Caballé, Jose Carreras, Leon Fleisher e Natalia Gutman. Entre muitos, foi dirigida pelos maestros Enrique Dimecke, Arild Remmereit, Christopher Hogwood, Theodor Guschlbauer, Emilio Pomarico e, mais regularmente, Nicholas Kraemer, Brian Schembri (Maestro Titular em 2003/2004), Olivier Cuendet, Enrico Onofri e Michael Zilm. As direções artísticas da OML foram sucessivamente confiadas a Miguel Graça Moura — fundador do projeto —, Jean-Marc Burfin, Álvaro Cassuto, Augustin Dumay, Cesário Costa e Pedro Amaral. Pedro Neves é, desde janeiro de 2021, diretor artístico e maestro titular.

Pedro Neves

Direção musical

Pedro Neves é atualmente diretor artístico e maestro titular da Orquestra Metropolitana de Lisboa. Paralelamente, desempenha as funções de maestro titular da Orquestra Clássica de Espinho. Foi maestro titular da Orquestra do Algarve entre 2011 e 2013, e posteriormente, maestro associado da Orquestra Gulbenkian, entre 2013 e 2018. É convidado regularmente para dirigir a Orquestra Gulbenkian, a Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música, a Orquestra Sinfónica Portuguesa, a Orquestra Filarmonia das Beiras, a Orquestra Clássica do Sul, a Orquestra Clássica da Madeira, a Orquestra Sinfónica do Estado de São Paulo, a Orquestra Sinfónica de Porto Alegre, a Orquestra Filarmónica do Luxemburgo e a Real Filarmonia da Galiza. No âmbito da música contemporânea, tem colaborado

com o Sond'arte Electric Ensemble, com o qual realizou estreias de vários compositores portugueses e estrangeiros, realizando digressões pela Coreia do Sul e Japão. Também com o Remix Ensemble Casa da Música, o Grupo de Música Contemporânea de Lisboa e o Síntese Grupo de Música Contemporânea. É fundador

da Camerata Alma Mater, agrupamento dedicado à interpretação de repertório para orquestra de cordas e com a qual tem recebido uma elogiosa aceitação por parte do público e da crítica especializada.

Pedro Neves iniciou os seus estudos musicais em Águeda, sua terra natal. Estudou violoncelo com Isabel Boiça,



Eduarda Melo / Cátia Moreso / Marco Alves dos Santos / André Henriques / Pedro Neves

Paulo Gaio Lima e Marçal Cervera; respectivamente, no Conservatório de Música de Aveiro, na Academia Nacional Superior de Orquestra (Lisboa) e na Escuela de Música Juan Pedro Carrero (Barcelona), com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian. No que respeita à Direção de Orquestra, estudou com Jean-Marc Burfin, obtendo

o grau de Licenciatura na Academia Nacional Superior de Orquestra, com Emilio Pomàrico, em Milão, e com Michael Zilm, de quem foi assistente. O resultado deste seu percurso faz com que a sua personalidade artística seja marcada pela profundidade, coerência e seriedade da interpretação musical.



Nova Era Vocal Ensemble

ORQUESTRA METROPOLITANA DE LISBOA

Flautas

Nuno Inácio
Beatriz Marques ¹
Janete Santos

Oboés

Sally Dean
Carla Pereira

Clarinetes

Nuno Silva
Jorge Camacho

Fagotes

Lurdes Carneiro
Maria Martins ¹
Rafaela Oliveira

Trompas

Daniel Canas
João Pedro Rodrigues ¹
Alexandre Pereira ¹
Jérôme Arnouf

Trompetes

Sérgio Charrinho
João Moreira

Trombones

Rui Fernandes ¹
Paulo Alves ¹
André Matos ²

Tímpanos

Rodrigo Azevedo

Percussão

Rafael Louro ²
Marco Fernandes ¹
Miguel Herrera ¹

Primeiros violinos

Ana Pereira *concertino*
José Pereira
Alexêi Tolpygo
Tolga Kulak
Nuno Rodrigues
Mariana Moita
Inês Marques ¹
Lúcia Salvado ¹

Segundos Violinos

Ágnes Sárosi
José Teixeira
Anzhela Akopyan

Daniela Radu

Nonna Manicheva
Xavier Pereira ¹
Francisco Costa ¹
Sofia Ruivo ¹

Violas

Joana Cipriano
José Freitas
Leonel Andrade
Sérgio Sousa
Andrei Ratnikov
Juliana Lopes ¹

Violoncelos

Nuno Abreu
Catarina Gonçalves
Tiago Mirra
Jian Hong
João Matos ¹

Contrabaixos

Vladimir Kouznetsov
Ercle de Conca
Margarida Afonso ¹
Guilherme Reis ¹

NOVA ERA VOCAL ENSEMBLE

Maestro do Coro

João Barros

Sopranos

Carolina Sá
Inês Almeida
Isabel Cruz Fernandes
Joana Silva
Mafalda Carvalho
Maria Beira
Maria Inês Canavilhas
Rebecca Hazlewood
Rita Barata
Vera Livério
Yue Wang

Altos

Estrela Martinho
Inês Chora
Lara Rodrigues
Laura Martins
Margarida Barros
Mária Figueiredo
Markéta Chumová
Rita Meireles
Teresa Appleton
Sarah Keane
Tenores
António Geraldo
Francisco Cortes
Gustavo Paixão
Jonathan Mongelos

Lucas Thaumaturgo

Tiago Caldas
Tiago Guedes
Pedro Miguel
Pedro Pinto
Baixos
Alexandre Coelho
David Jori
Diogo Chaves
Diogo Soares
Emile van Rensburg
João Chaves
Miguel La Fera
Samuel Rausch
Sérgio Correia
Tiago Mendes
Tomás Frazer

¹ Convidado/a

² Aluno/a da ANSO



METROPOLITANA

Diretor executivo **Miguel Honrado**
Diretor artístico **Pedro Neves**
Diretor pedagógico **Yan Mikirtumov**
Diretora administrativa e financeira **Fátima Angélico**

www.metropolitana.pt
facebook.com/metropolitana
Travessa da Galé 36, Junqueira
1349-028 Lisboa, Tel.: (+351) 213 617 320

FUNDADORES



Ministério da Cultura
Ministério da Educação

Ministério do Trabalho,
Solidariedade e Segurança Social
Secretaria de Estado do Turismo
Secretaria de Estado da Juventude e Desporto

MECENAS



PROMOTORES

Câmara Municipal de Caldas da Rainha
Câmara Municipal de Lourinhã
Câmara Municipal de Montijo
Câmara Municipal de Setúbal

PARCEIROS

Câmara Municipal do Barreiro
Câmara Municipal de Loures
Câmara Municipal do Seixal



PATROCINADOR BOLSAS DE ESTUDO ANSO

PARCEIROS MEDIA



PATROCINADOR PRINCIPAL

SANTA CASA
Misericórdia de Lisboa

PATROCINADORES



GIRODMÉDIAS PT

PARCERIAS

São Luiz Teatro Municipal
Universidade Nova de Lisboa
Biblioteca Nacional de Portugal
Cultivarte - Encontro Internacional
de Clarinete de Lisboa

CMS Rui Pena & Arnaut
Instituto Superior de Economia e Gestão
Casa Fernando Pessoa
Fundação Arpad Szenes - Vieira da Silva
Secretaria-Geral da Educação

Fundação Oriente
Academia das Ciências de Lisboa
Museu Nacional dos Coches
Museu Nacional da Música
Junta de Freguesia de Alcântara
Sociedade Nacional de Belas Artes

ESTE CONCERTO PODE SER FILMADO E/OU FOTOGRAFADO PELA PRODUÇÃO.
CASO NÃO AUTORIZO O REGISTO DA SUA IMAGEM CONTACTE O RELACIONES PÚBLICAS NO LOCAL.

PRÓXIMO CONCERTO

1 JAN

CONCERTO DE ANO NOVO

ORQUESTRA METROPOLITANA DE LISBOA

Valsas, polcas, aberturas de opereta e marchas da família Strauss: são estes os quatro elementos principais do Concerto de Ano Novo fundado em Viena em 1939. A tradição fez-se, e mantém-se — hoje expandida à escala global. Porém, desde então, o mundo transformou-se muito, e também a quinta-essência destes momentos. Sempre única, depende do espírito renovado e da esperança com que sempre nos reunimos à volta da música no romper de cada calendário. Por ser nosso, é único. Não há Concerto de Ano Novo como este.

Quarta, 11h e 17h

Grande Auditório

Coprodução Centro Cultural de Belém, Metropolitana

CCB

Conselho
de Administração

Presidente
**Francisca
Carneiro Fernandes**
Vogal
Madalena Reis
Vogal
Delfim Sardo

Diretora Artística
de Artes Performativas
e Pensamento
Aida Tavares
Coordenadora Geral
Executiva de Artes
Performativas
e Pensamento
Cláudia Belchior
Programadores
Cesário Costa
Fernando Luís Sampaio
Madalena Wallenstein

Diretora de Comunicação
e Marketing
Catarina Figueira
Diretor de Edifícios
e Instalações Técnicas
António Ribeiro
Diretor Financeiro
e Administrativo
Francisco Sacadura
Diretor de Recursos
Humanos
Jorge Carvalheira
Diretor Jurídico/Contratação
João Caré

APOIO INSTITUCIONAL



PARCEIRO INSTITUCIONAL



PARCEIRO MEDIA PARA
A TEMPORADA 2024-2025



APOIO MEDIA

